



Artigos/Articles

Tradução, (re)enquadramentos translinguais e a transmediatização da Guerra na Síria: explorando conceitos e (re)significações em rede(s)

Translation, translingual (re)framings and the transmediatisation of the War in Syria: exploring concepts and network(ed) (re)significations

Jaime de Souza Júnior¹

RESUMO

Neste artigo, retomo alguns dos conceitos discutidos em Souza Júnior (2020), tais como *tradução*, *enquadramento*, *comunicação*, *práticas translinguais*, *transmediatização* e *disputas textuais*, para explorar de maneira *oligóptica* (Latour, [2005] 2012) as dinâmicas e (re)articulações que emergem através desses conceitos e processos. Elas apontam para traços de comunicação em mais de um espaço midiático (i.e. jornalismo profissional e redes sociais), gerando redes de (re)significação e, daí, a transmediatização da Guerra na Síria. Tais redes trazem como elemento central de exploração e problematização interdisciplinar o papel que a linguagem nelas desempenha (Moita Lopes, 2006, p. 14). Mais especificamente, essa centralidade envolve relações de (des)associação, (re)enquadramentos e disputas textuais expandidas pelo uso das seguintes expressões, respectivamente, em turco e inglês, *#KiyiyaVuranInsanlik/ #HumanityWashedAshore* (em tradução livre: humanidade despejada na praia). Soma-se a tais expressões o trânsito de uma imagem responsável por (re)enquadrar A(y)lan Kurdi, refugiado sírio de 3 anos, que, lamentavelmente, faleceu tentando fugir da guerra. Considerando isso, destaco o papel da tradução, bem como o das práticas multissemióticas e translinguais direcionadas pelos significados de *#Insanlik* e *#Humanity* (i.e. humanidade). Por fim, discuto qualitativamente postagens que apontam para um complexo *jogo de linguagem* produtivo/performativo (Wittgenstein, [1953]1999) operado via *trabalho semiótico* (Kress, 2015), e, então, projeto algumas associações.

Palavras-chave: refugiados, comunicação multimodal, tradução indisciplinada, Bruno Latour.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4257-2440>. Email: souzajuniorprof@gmail.com.

ABSTRACT

In this paper, I readdress some of the concepts discussed in Souza Júnior (2020), such as *translation*, *frame*, *communication*, *translingual practices*, *transmediatisation* and *textual disputes*, aiming to explore in an *oligoptic* way (Latour, [2005] 2012) the relevant dynamics and (re)articulations that emerge through such concepts and processes. They point to traces of communication in more than one media space (i.e. professional journalism and social media websites), generating networks of signification and, as an effect, the transmediatisation of the War in Syria. In such networks language emerges as a central element, and that leads me to explore and problematise it in an interdisciplinary way (Moita Lopes, 2006, p.14). More specifically, that centrality is located in the relations of (dis)association, (re)framings and textual disputes, which expand through the use of the following expressions, respectively, in Turkish and in English, *#KiyiyaVuranInsanlik/ #HumanityWashedAshore*, along with the transit of a picture that (re-)framed A(y)lan Kurdi, a 3-year-old refugee boy, who, unhappily, passed away, whilst trying to flee the war in Syria. Considering this panorama, I highlight the role of translation, multisemiotic and translingual media practices directed by the specific meanings of *#Insanlik* and *#Humanity*. In turn, I qualitatively discuss a set of posts and project a few associations regarding how a complex and productive/performative *language-game* (Wittgenstein, [1953]1999) is operated via *semiotic work* (Kress, 2015).

Keywords: refugees, multimodal communication, undisciplined translation, Bruno Latour.

1. Associações iniciais: guerra, travessia, criança morta e seu enquadramento na mídia turca

Neste trabalho, meu interesse volta-se às *guerras civis-globais* (Hardt e Negri, [2004] 2014). Olho de modo interdisciplinar para como as experiências que os conflitos contemporâneos geram podem ser construídas através de enquadres² materializados em textos midiáticos de maneira multissemiótica (i.e. articulando os domínios verbal, visual e digital).

Aqui, tomo como bússola os direcionamentos *oligópticos*, ou seja, aqueles que nos orietam a empreender certa delimitação de foco sem, no entanto, deixar de projetar pontos de discussão inter-relacionados e relevantes (Latour,[2005] 2012, p.262). Assim, procuro contextualizar de forma breve que a Guerra na Síria surge em 2011, como efeito de uma rede dispersa de subconflitos internos. Embora, inicialmente, eles não sejam de natureza bélica, contribuem para fazer

² Neste texto, 'enquadre' e 'enquadramento' serão tratados como termos sinônimos. Já apresentei uma justificativa a respeito disso em Souza Júnior (2020, p.15).

eclozir, ao longo do tempo, um quadro de atividade beligerante. Ele passa não só a ter participantes de dentro do território (o que seria condizente com a classificação 'guerra civil'), como também dá visibilidade a atores ou participantes de fora da Síria. É justamente a 'entrada' desses últimos interactantes que não justifica 'traduzir' ou 'enquadrar' a Guerra na Síria simplesmente como uma 'guerra civil'. Hardt e Negri ([2004] 2014, p.21-22) observam que essas "guerras civis globais" têm surgido cada vez mais na contemporaneidade.

E quem seriam esses participantes (e suas múltiplas frentes), responsáveis por alterar a composição do conflito em questão? Indo direto ao ponto: "rebeldes" é o termo que grande parte do jornalismo internacional do chamado ocidente usa para se referir ao coletivo de grupos armados que se opõe e tenta derrubar o regime do presidente da Síria, Bashar Al-Assad. Esses grupos se situam dentro do território sírio e, por exemplo, são financiados (por interlocutores de fora do território) com suprimentos e armamentos (Ruyz, 2014). Nesse sentido, segundo o relatório da organização não-governamental *Human Rights Watch* (2014, p.1), além de colaboração militar e contribuição financeira oferecidas pela Turquia, Arábia Saudita e Catar, os "rebeldes" também recebem "ajuda não-letal", principalmente de países ocidentais como os EUA, França e Reino Unido. Ao lado do atual governo sírio de Al-Assad e seu exército, ainda segundo o *Relatório*, concentra-se o apoio militar, financeiro e/ou diplomático oferecido, até então, por Rússia, China e Irã.

Com base em Ruyz (2014, p.15; p.47), observo que tal tipo de assistência 'oferecida' aos "rebeldes" beneficiou esses países ocidentais. Ela gerou (com a permissão dos "rebeldes") a organização do acesso facilitado de nações ocidentais às *commodities* (tais como o petróleo) do território sírio. Antes, esses produtos eram protegidos pela soberania sustentada com o regime de Bashar e seus aliados. Na 'troca' compreendida através do desenvolvimento de tal "assistência", a coalizão ocidental aparece organizando e garantindo a fortificação de grupos armados antirregime, tais como o Exército de Libertação Sírio/ESL; e produz, daí, um panorama de desorganização do território sírio, que acaba reverberando no mundo social mais amplo.

Visualizar essas dinâmicas (e as redes que se movimentam em torno delas), contribui para afastar o entendimento desse conflito por uma via de interpretação simplificadora, que separaria 'interno' e 'externo' com facilidade; ou ainda, 'local' e 'global' com a 'naturalidade' que permitiria considerá-las instâncias distintas e distantes na contemporaneidade – como em muitas reportagens e notícias parece ser uma tendência. O quadro de (des)³organização associado a tais dinâmicas e redes obrigou os habitantes do

³ Usarei os parênteses de 2 modos recorrentes. Por exemplo, em *(des)organização*, eles podem indicar a dupla possibilidade de leitura da palavra que os acompanha. Já no caso de *(re)significação*, os parênteses são mobilizados para indicar um relação de disputa.

território sírio que não estavam envolvidos diretamente nos confrontos a procurar refúgio dentro do próprio país ou no exterior, conforme o *Relatório* aponta. Sem alternativa, essas pessoas são forçadas a fugir de sua terra natal, o que gera dinâmicas de mobilidade humana. A partir delas, torna-se visível a intensificação da participação da dimensão midiática e do trabalho de comunicação como parte dos processos de administração e/ou (des)estabilização das situações crise e/ou conflito.

A história da morte de Aylan⁴ Kurdi surge com a configuração desse panorama. Aylan, acompanhado por grande parte de sua família, tentava fugir dos confrontos, mas se afogou durante uma tentativa de travessia – como muitos que estavam em sua companhia. O pequeno corpo foi localizado de frente para uma área de praia. Ali, funcionava um *resort* na região de Bodrum, na Turquia. Diversão e desespero passaram a se associar a esse espaço social, portanto.

De acordo com o *site* do jornal peruano *El Comercio*, a fotógrafa Nilüfer Demir, da agência de notícias turca *Doğan News*, ligada ao jornal turco *Hürriyet*, foi a profissional que primeiro produziu enquadramentos sobre Aylan e sua morte. Isso tornou possível relacioná-los com o conflito em questão. As imagens circularam, então, no noticiário local, conforme mostra a Figura 1:

Figura 1: Duas fotos que mostram Aylan, no centro e no rodapé, circulando na página de um jornal turco durante a Guerra na Síria, em 2015.



Fonte : <<https://www.hurriyet.com.tr/gundem/dunya-agladi-sonra-herkes-isine-dondu-40567461>>. Acesso em: 16 mai 2021.

Para entendermos esse primeiro enquadramento, que captura a cena com o menino morto, e reverbera a centralidade do papel da linguagem junto

⁴ Após apuração da imprensa internacional, foi revelado que a grafia correta do nome do menino era Alan Kurdi, e não Aylan Kurdi. Cf.:<https://en.wikipedia.org/wiki/Death_of_Alan_Kurdi>. Acesso em: 16 mai 2021. Tendo em vista que o *corpus* digital original de Souza Júnior (2020), contendo 11.008 mensagens, foi gerado logo no período de início da disseminação de informações sobre o episódio, esse conjunto de textos não registrava a grafia corrigida e, por esse motivo, continuarei a utilizar 'Aylan' Kurdi ao longo do artigo.

com sua relevância social para problematizar o contexto em discussão, vejamos, com base no *website* de *El Comercio* (2015), o depoimento da própria fotógrafa/jornalista, abaixo, e como ela descreve o trabalho de semiotização (ou textualização e registro) que realizou ao capturar esse episódio:

Só de vê-lo, já me deu um frio na espinha. Nesse momento, já não podia fazer nada. Estava jogado no chão, sem vida, com sua calça azul curta e sua camisa vermelha levantada quase até a metade da barriga. Não podia fazer nada por ele. A única coisa que podia fazer era tratar de que seu grito, o grito de seu corpo jogado no chão, fosse escutado⁵. Fonte: <<https://elcomercio.pe/mundo/actualidad/apenas-vi-aylan-kurdi-me-helo-sangre-197543>>. Acesso em: 16 mai 2021.

Quando entendido junto com as duas imagens destacadas na legenda da Figura 1, o depoimento em tela não só aparece responsável por inaugurar uma associação importante entre *guerra, mídia, infância/criança e morte*, como também possibilita rememorar outros corpos infantis vitimados, em outros contextos de Guerra – lembro, aqui, da menina Kim Phúc⁶, no Vietnã, em 1972.

Segundo Yves Gambier (2006), *práticas midiáticas/jornalísticas* podem se configurar como enquadramentos. Seria possível entendê-las assim, porque, como os enquadramentos, tais práticas estabelecem ‘omissões’ e ‘saliências’. Isto é, *o que vale* (ou não) ser discutido; e, ainda, *como* isso pode se dar na rotina de produção de notícias. Nesse processo, se olhados de maneira interdisciplinar, o impacto dos enquadramentos (enquanto formas amplas de operar ‘traduções’) pode: 1) delimitar o contexto daquilo que aparece noticiado como ‘significativo’; 2) forjar o acatamento das inferências que mobiliza; e 3) dar vazão a julgamentos ou resoluções, que destacam (nem sempre de forma igualitária) aspectos das ‘realidades’ reportadas a um público projetado (Gambier, 2006, p. 11).

Considerando esse impacto, o relato da profissional nos possibilita entender como o jornalismo tradicional (i.e. ‘autorizado’/perito) da Turquia inaugura e coloca em circulação uma cadeia de enquadramentos. Eles

⁵ No original: Apenas lo ví se me heló la sangre. En ese momento ya no se podía hacer nada. Estaba tirado en el suelo, sin vida, con sus pantalones cortos azules y su camiseta roja subida casi hasta la mitad del vientre. No podía hacer nada por él. Lo único que podía hacer era tratar de que su grito, el grito de su cuerpo tirado en el suelo, fuera escuchado. Fonte: <<https://elcomercio.pe/mundo/actualidad/apenas-vi-aylan-kurdi-me-helo-sangre-197543>>. Acesso em: 16 mai 2021.

São minhas todas as traduções a partir deste ponto (incluindo as legendas das Figuras). Elas aparecerão com termos em itálico para sinalizar que procurei indicar uma correspondência *verbatim*, de acordo com cada caso.

⁶ Ver: <<http://www.abc.net.au/news/2015-09-14/aylan-kurdi-and-power-of-photography-images-that-changed-world/6773770>>. Acesso em: 16 mai 2021.

compreendem, reconhecem e traduzem (a princípio, localmente) para um público projetado, em primeiro lugar, a condição de Aylan como criança, cuja perda é lamentada. Isso contribui para, inicialmente, humanizar o menino refugiado, afastando-o de modos de reconhecimento que, frequentemente, enquadram, comparam, hierarquizam e ‘traduzem’ a existência dos refugiados como se eles fossem, por exemplo, “invasores” ou “terroristas” (Foucault, ([1977-1978]2008); Hardt e Negri ([2004]2014), p. 34-36; Butler, 2010, p. 29).

Essas ‘traduções’ podem ser operadas de maneira mais ou menos ética e/ou seletiva no trabalho de enquadramento e seu *jogo de linguagem* que emerge de maneira performativa/produzida (Wittgenstein, [1953]1999), §546). Isso ocorre porque um enquadramento não aponta somente para aquilo que aparece como ‘feito’ (i.e. trabalho de registro), ou uma simples descrição da cena enquadrada. É preciso considerar, também, conforme a perspectiva performativa apontada, aquilo que o ‘feito’ faz.

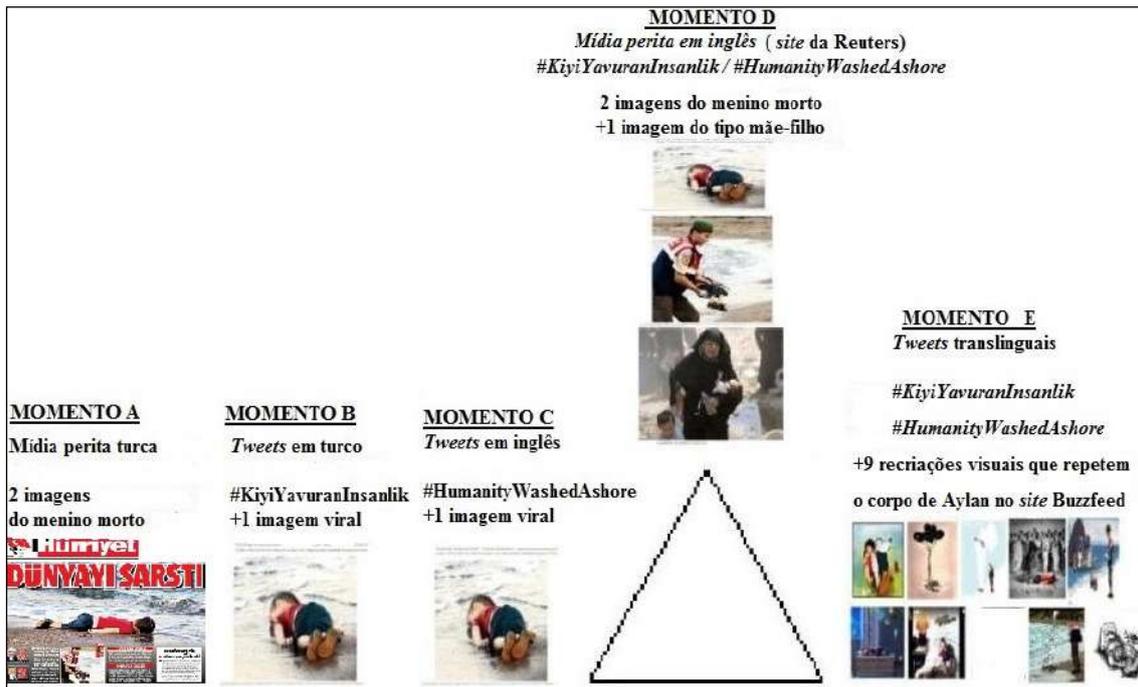
Esse ‘fazer’, associado ao ‘feito’, surge como efeito do trabalho semiótico (Kress, 2015, p. 57), que atua, seja por meio da (des)associação entre certos ângulos de (in)visibilização, seja pela operação do significado de expressões/escolhas lexicais associadas ao corpo do enquadrado (ou, ainda, através do significado que tais escolhas ou expressões podem imprimir à cena como um todo). Em segundo lugar, tal cadeia e seu trabalho semiótico não apresentam a guerra e a morte de um corpo infantil como eventos que aparecem desassociados nesse enquadre.

Ressaltando esse jogo, e a possibilidade de os enquadramentos desenvolverem potencial para operar diversas formas de tradução através das práticas midiáticas (sejam elas produzidas no âmbito do jornalismo perito ou das redes sociais), chamarei a atenção do leitor, na próxima seção, para as relações de (des)associação, (re)enquadramento e disputas textuais que se expandem do domínio local turco e impulsionam a comunicação da guerra para o resto do globo.

2. Expandindo a comunicação da guerra: (re)enquadres, tradução, práticas midiáticas translocais, translinguais e transculturais

Para discutirmos a expansão da comunicação da Guerra na Síria no período que coloco em foco (2015), precisamos entender ‘comunicação’ não mais como sinônimo de ‘transmissão’ estabilizada entre emissor e receptor. Sugiro reinterpretá-la como um processo, que, na contemporaneidade, é seletivo. Por isso, ele pode se desenvolver de forma complexa, (re)negociando significados em etapas. Com essa noção de comunicação no horizonte, consideremos a Figura 2, adiante:

Figura 2: Morte de Aylan e os Momentos de Circulação transmidiática visualizados.



Fonte: Souza Júnior (2020, p. 63).

Observamos, pela Figura 2, cinco Momentos de Circulação transmidiática apresentados. Percebemos relações de desassociação e de expansão da comunicação entre diversos interactantes, espaços geográficos e de produção/circulação/(re)interpretação de práticas midiáticas em forma de (re)enquadramentos.

Na Figura em tela, o primeiro ponto a ser destacado é que não se pode negar, ali, a centralidade da relação entre comunicação, tradução (circuito B-C-D) e práticas midiáticas translocais (circuito A-C-D-E). Nesse sentido, o trabalho semiótico que surge, atua de maneira translocal sobre a configuração desse contexto de conflito. Certo ‘transbordamento’ surge da operação de um jogo de linguagem complexo, que impulsiona e amplia o alcance da imagem do menino, catalisando-se, daí, a disseminação de um *evento digital* (Souza Júnior, 2015, p. 318). Ele emerge em turco, no *Twitter.com*, como #KiyiYavuranInsanlik e, depois, aparece traduzido para o inglês como #HumanityWashedAshore. Após isso, a comunicação se complexifica.

Com o surgimento desse *evento*, entendo que a relevância social do papel da linguagem se faz perceber através do movimento de tradução. Ele surge como recurso que “pressupõe a noção de cultura e suas imbricações no imaginário social” (Silva e Soares, 2013, p.11). Por isso, já não se pode mais pensar a tradução como prática de transcodificação desvinculada da dimensão cultural (Zipser, 2002, p.12). Isso significa que não se deve tomar o movimento de tradução que impulsiona tal evento como uma mera questão de transferência (ou ‘transmissão’) do turco para o inglês.

Aqui, muito mais como recurso semiótico do que como um sistema de signos ainda imaginado por muitos como 'blindado', o inglês desenvolve um papel que possibilita não só a tradução e a disseminação do evento digital, como também contribui para tornar visível o atravessamento e a (re)articulação de arranjos complexos. No período da guerra que coloco em discussão, essa tradução dá visibilidade à inter-relação entre formas de particip(ação) midiática, recursos de significação, redes de circulação de discursos e seus múltiplos posicionamentos, os quais procuro destacar, a seguir.

Esses múltiplos posicionamentos surgem como efeito, primeiro, do movimento de tradução (Figura 2: circuito B-C-D), o qual possibilita a emergência de práticas midiáticas ou (re)enquadramentos translinguais (Figura 2: circuito C-D-E), bem das como disputas textuais, que tornam visíveis processos de transculturalização (Figura 2: circuito A-D-E *versus* circuito B-C). O caráter translingual e as práticas de enquadramento às quais tal caráter dá origem compreendem “o movimento fluído entre e através de línguas ou – em uma acepção mais ampla – de sistemas semióticos” ⁷(Blommaert, 2018, p. 13).

Já a dimensão de transculturalização, no contexto midiático associado ao período do conflito que discuto, aparece relacionada à existência das instâncias e culturas peritas de textualização (i.e. do jornalismo profissional/ 'autorizado') ou aquelas coletivo-colaborativas (i.e. de usuários 'não-autorizados' das redes sociais), responsáveis por gerar enquadres (trans)midiáticos. Eles desenvolvem potencial para (re)enquadrar o corpo de Aylan e, na circulação, podem des(h)umanizá-lo. Nesse sentido, sugiro reinterpretar o termo 'cultura', entendendo o mesmo como 'formas de agir midiaticamente' ou, ainda, como 'repertórios de ação'. Enxergo essas 'culturas' como modos de ação. Elas possibilitam operar (re)enquadramentos, materializados como textos midiáticos, que “efetivamente *produzem* participantes e recursos⁸” (Blommaert, 2018, p.2; *itálico no original*).

Por isso, aqui, não me refiro a uma 'cultura nacional', associada a 'identidades nacionais', cada vez menos possíveis de serem determinadas. É nesse sentido, então, que tomo como possível entender que a produção e a circulação de informações a respeito das situações de conflito contemporâneas surgem associadas a um processo de *transculturalização*. Neste contexto, ele gera e coloca em circulação *textos de guerra* (Butler, 2010; Souza Júnior, 2020, p.48). Reinterpretar de maneira oligóptica a transculturalização como um processo, me permite visualizar a guerra através de: 1) culturas de textualização e tipos de prática (i.e. ações de midiatização ou re/enquadramento perito; e respostas à midiatização, vindas das redes sociais, pela via da transmidiatização); e 2) instâncias de participação (i.e. o jornalismo profissional

⁷ No original: “(...)the fluid movement between and across languages or – more broadly – semiotic systems” (Blommaert, 2018, p. 13).

⁸No original: “(...)effectively *produce* participants and resources.” (Blommaert, 2018, p.2).

ou os coletivos *online* que podem se re/forjar sem previsibilidade) e seus posicionamentos atrelados a repertórios sócio-históricos, que rechaçam ou geram acatamento à guerra e a seus efeitos.

Tal orientação surge (re)negociada e comunicada através de repertórios textuais (i.e. matérias jornalísticas, imagens ou expressões acopladas a *hashtags*), gerados por suas culturas de textualização. É por considerar a combinação entre esses elementos na sua relação com as situações de conflito contemporâneas que proponho conceber a Guerra na Síria como uma rede de relações complexas.

Essa rede vai desaguar, por fim, em um quadro explícito de transbordamento e atravessamentos comunicacionais, em mais de um espaço midiático. Isso resume bem, para os fins deste trabalho, o que entendo por *transmidiatização* (Souza Júnior, 2020, p. 17). Aponta, também, para como ela, enquanto processo, nos coloca em contato com: 1) os efeitos da guerra (i.e. morte infantil); 2) o evento ou a situação de conflito em si; e 3) seus participantes (i.e. Aylan), mostrando, ainda, como eles são (re)enquadrados e (re)interpretados.

Tendo esse cenário em vista, procuro manter em foco o papel da tradução, bem como o das práticas multissemióticas e translinguais em torno de *#Insanlik* e *#Humanity* (i.e. humanidade). Nessa direção, destacarei um percurso reduzido, se comparado com aquele que discuti em Souza Júnior (2020). Porém, o percurso apresentado aqui é relevante para apontar o potencial de circulação translingual, transmidiático e translocal de textos de guerra.

Nessa direção, explorarei e discutirei alguns exemplos de postagens que trago do *corpus* de Souza Júnior (2020), procurando mostrar como surge um complexo jogo de linguagem produtivo/performativo do trabalho semiótico. Tal jogo (des)associa espaços midiáticos, essas expressões e o corpo infantil (re)enquadrado na imagem, (des)estabilizando a comunicação da Guerra na Síria. Não apresentarei exemplos relativos ao Momento B, da Figura 2, pois não estão disponíveis no *corpus* original e, também, não sou capaz de ler em turco. Os exemplos que discutirei, na próxima seção, foram gerados tendo em vista o circuito C-D-E, portanto. Ele traz textos de guerra em forma de postagens translinguais (comentários do *Twitter*/imagens/fragmentos de reportagens). Essas postagens aparecem escritas em inglês, ora contendo *expressões meméticas* (cf. Souza Júnior, 2020, p.59) em turco, ora em inglês.

3. Explorando e discutindo etapas de transmidiatização da guerra

Neste ponto, procuro apresentar etapas de desdobramento da comunicação transmidiática da Guerra na Síria. Com a visualização desse conflito através de uma perspectiva de rede complexa, que se expande não só nos campos de batalha, mas também pelas diversas telas midiáticas, a chegada dos internautas (localizados em diferentes espaços midiáticos) torna possível

que os coletivos *online* apareçam como novos disseminadores de textos de guerra.

Esses usuários da internet desenvolvem uma relação de associação, constituindo-se como novos disseminadores dentro um processo midiático perito de produção-regulação de informações (i.e. postura jornalística de *gatekeeping* – cf. Souza Júnior, 2020, p.78). Nas próximas seções, veremos alguns exemplos de consolidação da constituição de tais disseminadores.

3.1 Furando bloqueios comunicacionais peritos: (re)enquadramentos, tradução, coletivização e práticas midiáticas translocais

Emergindo com seu trabalho colaborativo de textualização, os coletivos *online*, atualmente, podem ‘furar bloqueios’ ou invisibilizações associadas ao funcionamento de regulação-disseminação da postura de *gatekeeping*. A Figura 3, a seguir, traz um ‘bloqueio’ comunicacional sendo furado:

Figura 3: Morte de Aylan sem reenquadramento coordenado entre mídia turca e Reuters.



Fonte: Souza Júnior (2020, p. 72).

A Figura 3 nos mostra uma rede social (*Twitter*), que, a partir das possibilidades e práticas operadas pelo recurso da tradução, passa a conjugar postagens em turco (Momento B) e inglês (Momento C). Esse movimento faz com que, performativamente (i.e. através da produtividade da circulação), os usuários da internet ‘tomem o lugar’ de comunicação de uma das agências de notícias com atuação mais pervasiva do mundo (*Reuters*, Momento D – conferir também a Figura 2, Momento D). Não se percebe, ali, a coordenação na comunicação da morte de Aylan entre mídia profissional turca e agência de notícias ocidental, *Reuters* – dinâmica de invisibilização que, por exemplo, não foi configurada no episódio envolvendo a menina da Guerra do Vietnã (cf. nota 6, em 3.1). Além disso, como visto na seção 1, a Turquia é um dos atores que apoiava, até então, a coalizão ocidental. Isso sugere que teria surgido ‘muro discursivo’ ou um posicionamento de bloqueio temporário que afetou as

possibilidades de circulação do corpo vitimado de Aylan entre as redes midiáticas peritas dessas regiões (Souza Júnior, 2020, p. 52-58).

A despeito disso, no Momento C, o inglês, através das práticas iniciadas por internautas, surge ‘transbordando’ o contexto de ocorrência dessa perda, não permitindo mais que ela fique restrita ao domínio local turco. Já parece estar claro, aqui, o papel ‘indisciplinado’ da tradução; e o modo como o inglês é acionado e gera (des)estabilizações na comunicação da Guerra na Síria. Como recurso semiótico importante, entendo que o inglês colabora para dar origem a disputas textuais entre coletivos *online* e mídia perita ocidental (*Reuters*).

Essa possibilidade de gerar fissuras e ‘furar’ bloqueios comunicacionais ‘especializados’ ou peritos é uma das 8 características de destaque da configuração comunicacional contemporânea que eu, ao reinterpretar e atualizar o conceito de *ordem do discurso* (Foucault, [1970], 1990), chamei de *ordem do discurso transmidiática* (Souza Júnior, 2020, p.143-154).

Quando essa configuração emerge, situações de crise ou conflito e disputas textuais on-line entre domínios de saber-poder tornam-se visíveis. Essas fricções entre tais domínios podem também ser entendidas como *disputas epistêmicas* (Souza Júnior, no prelo). Elas ampliam a complexidade de trajetórias de textos e seus significados marcados por dinâmicas transmidiáticas, que geram debates e embates semiótico-discursivos, podendo os mesmos se alastrar e ter efeitos trandimensionais (i.e. com *trânsito* entre as dimensões *online* e *offline*).

Nessas disputas e seus (de/em)bates atrelados, o processo de semiotização (compreendendo textualização e significação) deixa rastros que dão visibilidade a espaços de comunic(ação), campos discursivos (i.e. peritos/‘autorizados’ e não-autorizados), saberes-poderes (especializados/‘autorizados’ ou não), dinâmicas de poder/resistência e posicionamentos (tais como o de humanizar ou aquele de hierarquizar, invisibilizar e, por fim, desumanizar participantes envolvidos em situações de conflito).

Na seção seguinte, veremos um *post* que exemplifica a emergência de tais (de/em)bates, por meio de um processo de semiotização associado a uma postagem do Twitter (i.e. um *tweet*) translingual.

3.1.2 Denunciando bloqueios comunicacionais peritos: (re)enquadramentos, práticas midiáticas translocais e translinguais

Como apontado em 3.1, o processo de semiotização característico da ordem do discurso transmidiática deixa rastros discursivos que dão visibilidade a dinâmicas de poder e resistência. Mesmo quando não há semiotização (textualização) explícita, os ‘silêncios’ ou bloqueios podem se configurar, discursivamente, como uma forma de violência produtiva/performativa.

Não associar uma morte infantil à ocorrência de uma guerra, infelizmente, pode trazer ‘benefícios’ para aqueles que apoiam a deflagração e a continuidade de um conflito. Isso ocorre, porque corpos infantis, apesar de serem “frágeis”, ao mesmo tempo, podem ser vistos e enquadrados como “perigosos” (Souza Júnior, 2020, p. 40-41). Eles têm potencial para gerar comoção e mobilizar o mundo social mais amplo a demandar que uma guerra seja interrompida (como o caso da menina vietnamita, apontado na seção 1).

É nesse sentido que certo bloqueio comunicacional ocidental (ou o apagamento temporário da imagem de Aylan morto operado pela *Reuters* - Figura 3, Momento D) pode ser entendido, discursivamente, como um posicionamento de violência textual. Essa dinâmica de poder é operada, em parte, através da dimensão de saber-poder que forja o discurso midiático perito. Por esse tipo de posicionamento, há a possibilidade de controlar e administrar, à distância, através das telas, como grande parte do mundo ocidental pode (ou não) ter acesso e interpretar a Guerra na Síria, seus participantes e efeitos.

É exatamente essa relação de controle sobre como/quando/onde dar acesso (i.e. uma operação de poder) que pode aparecer igualmente respondida por uma dinâmica comunicacional de resistência. Tal resposta reenquadra Aylan e sua morte, configurando-se como prática translingual que se materializa atuando em forma de protesto, conforme mostra a Figura 4:

Figura 4: A percepção da invisibilização da morte de Aylan na mídia profissional.



RT @ [redacted]: some shitty type news comes everyday on news , where this type of news never shown shame on media .#kiyiyavuraninsanlik

Tradução: Notícias irrelevantes no *noticiário* todo dia, onde esse tipo de notícia nunca é mostrado a mídia deveria se envergonhar.

Fonte: Souza Júnior (2020, p. 74).

A prática translingual configurada na Figura em tela opera semiótico-discursivamente de maneira complexa. Primeiro, vale observar a composição do *tweet*, e como ele parece estar direcionado a reenquadrar o episódio que envolve Aylan, colocando foco na dimensão do reconhecimento do menino como humano. A expressão memética estaria sendo direcionada, então, mais pelo significado de *#Insanlik* (i.e. humanidade).

Esse direcionamento aparece materializado em conexão com o turco, todavia, é impossível negar que duas línguas são ativadas como recursos semióticos importantes na postagem. Nesse sentido, pela dimensão verbal, entendo que elas cooperam e, performativamente, co-operam a negociação de um processo de repúdio (e, ao mesmo tempo, de denúncia) à invisibilização seletiva da morte de Aylan e, como efeito, à desumanização dessa criança. Isso dá a entender que esse evento se associa com uma perda que deveria estar no *noticiário* – o que volta a corroborar a importância do direcionamento de *#Insanlik* (i.e. humanidade) como escolha lexical de relevância co-textual (Souza Júnior,

2020, p. 132). Isto é: sua relevância do ponto de vista de como ela ‘compõe a vizinhaça’ não só no interior da expressão memética, como também na sua relação de composição e co-ocorrência dentro do *tweet* e, portanto, com o resto da postagem em inglês.

Além disso, a expressão memética em turco, no fim da mensagem, atua tanto translingualmente quanto multissemioticamente, porque, do ponto de vista da distribuição digital, a expressão dissemina a ‘fala’ desse *tweet* em uma cadeia ou rede que é composta por outros *tweets* (sejam eles escritos em inglês ou em turco).

Ao refinar meu olhar oligóptico sobre a inter-relação específica entre o digital e o inglês, preciso reconhecer as potencialidades e funcionalidades que essa língua demonstra desenvolver, ao comunicar e poder expor para grande parte do globo as situações contemporâneas de crise ou conflito. Tal inter-relação também pode ser entendida como um jogo de linguagem, ou, mais especificamente, como um jogo entre semioses. Ele opera um modo de distribuição e, performativamente, contribui para que o evento digital vá ampliando seu alcance, tanto nesse espaço midiático, como em outros espaços digitais/geográficos. Com isso, o evento digital passa a se configurar como um evento social, pois consegue expandir seu alcance e interpelar o mundo social mais amplo de maneira transdimensional (cf. 3.1).

Na inter-relação apontada, é preciso destacar que, no âmbito da ordem do discurso transmidiática, não entendo que o inglês possa ser visto por uma perspectiva representacional de linguagem. Em outras palavras, não se sustenta mais uma visão do mesmo como idioma (ou um sistema de signos culturalmente ‘blindado’/estabilizado), mas sim como recurso semiótico multicomunicacional, que pode gerar um leque de performances e performatividades/produtividades, quando o inglês é, por exemplo, transgredido *online*, produzindo reverberações discursivas/posicionamentos híbridos sobre um mesmo evento digital que aborda o desenvolvimento de um conflito.

Corresponde a ideia de que esse ponto diz respeito a qualquer língua. Entretanto, na contemporaneidade, nenhuma se equipara ao inglês do ponto de vista de *como* sua disseminação se instaura no globo, estando tal recurso de significação presente de forma indissociável a domínios de conhecimento e, por consequência, domínios de *saber-poder*, tais como o da tecnologia digital. Essa presença aproxima a questão midiático-digital e a comunicação (sempre em movimento) desse domínio amplamente associado ao inglês – o que leva o mesmo e seu uso a serem percebidos em um cenário mais amplo de possibilidades de ações e reações. Como Branca Fabrício aponta, visualizar esse movimento, significa reconhecer:

A crescente mobilidade de pessoas, artefatos culturais, línguas, aparatos semióticos e textos, atualmente, possibilitada pelo desenvolvimento de tecnologias de mobilidade (territorial,

informacional, interacional, etc.), traz a questão da relação entre circulação discursiva e produção de conhecimento para o centro do debate contemporâneo sobre linguagem⁹ (Fabrício, 2016, p. 135).

Nesse cenário, um recurso comumente visto como divulgador e instaurador de padrões socioculturais tidos como ocidentais, o inglês pode, por exemplo, ter seu potencial comunicativo expandido e, ainda, ser capaz de mobilizar conhecimentos, fluxos informacionais, práticas midiáticas e posicionamentos *online* (Baynham, 1995, p.1, citado em Pennycook, 2009, p.305). Tal mobilização pode gerar fissuras de maneira performativa, circulando e (re)criando, assim, contrapontos ao imaginário de posicionamentos e conhecimentos bélicos hegemônicos do chamado ocidente (Pennycook, 2007, p.19), como a Figura 4 sugeriu. Ao passarem a ser associadas ao inglês de maneira insistente, a imagem de Aylan e as expressões iniciadas por *hashtag* acopladas derivam (re)enquadramentos baseados em atravessamentos de camadas semióticas, como na Figura 2.

Esse quadro de transbordamento comunicacional faz com que, performativamente, a dimensão do jornalismo seja levada a ativar o “Olho de Sauron¹⁰” na direção de ‘impertinências’ comunicacionais. Quer dizer: faz com que tal dimensão ‘acenda a luz vermelha’ e implemente práticas de intervenção na comunicação das situações de conflito. Tal implementação emerge em resposta à amplitude da desestabilização que dinâmicas de resistência (como as que aparecem na Figura 4) podem gerar, afetando a dimensão do poder que, dentro da concepção da ordem do discurso transmidiática (Souza Júnior, 2020, p.143), pode conjugar tanto os saberes-poderes bélicos/de segurança, quanto aqueles de natureza comunicacional/midiática na administração das situações de crise ou conflito e seus efeitos.

É para os rastros comunicacionais deixados por esse tipo de intervenção que olharemos na próxima seção, observando como a tradução ali é convocada. Veremos, também, que tipo de operação de poder se estabelece através de um dos reenquadramentos de Aylan, quando ele recai sobre os significados de *#Insanlik* e *#Humanity* (i.e. humanidade).

⁹ No original: “The increasing mobility of people, cultural artifacts, languages, semiotic apparatuses and texts nowadays, made possible by the development of technologies of (territorial, informational, interacional, etc.) mobility, brings the question of the relationship between discourse circulation and knowledge production to the forefront of the contemporary debate on language and language in use” (Fabrício, 2016, p.135).

¹⁰ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=yvWh2wmE5E> . Acesso em: 31 mar 2021. A metáfora que proponho é influência da obra “O Senhor dos Anéis”, de R.R. Tolkien. Sugiro ver também: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sauron>. Acesso em: 31 mar 2021. Esse tipo de movimento é condizente com a proposta transdisciplinar de Latour (2012 [2005], p.86-87), que nos orienta a traçar, traduzir e (re)interpretar rastros do *social*, fazendo com que o mesmo se revele *multideterminado* por seus diferentes domínios – o que inclui o Literário, portanto.

3.2 O Olho de Sauron é (d)esperto: reposicionando bloqueios na comunicação, intervindo e ‘traduzindo’ refugiados sírios multimodalmente

Atentando para a inter-relação entre as etapas de desdobramento anteriores, veremos, aqui, uma agência de notícias ocidental revelando suas práticas peritas e interventoras de enquadramento.

Guiado pela perspectiva oligóptica, considerarei esses procedimentos jornalísticos peritos, detendo-me a somente uma das imagens, de um conjunto de 3 que discuti em Souza Júnior (2020). Focarei só em trechos específicos da publicação - naqueles que projetam inter-relações exploráveis com tal foto. Ela destaca o corpo de Aylan. Daí, discuto os significados em torno de *#Insanlik* e *#Humanity* (i.e. humanidade). Partindo disso, atentemos para próxima Figura :

Figura 5: *Reuters* reenquadrando foto de Aylan e mencionando expressões meméticas iniciadas por *hashtag*.



Tradução da legenda superior: A *hashtag* “*KiyiyaVuranInsanlik*” - “*Humanity Washed Ashore*” – se tornou o assunto mais comentado no *Twitter*. Nas primeiras horas após o acidente, a imagem tinha sido retuitada milhares de vezes;

Tradução da legenda inferior: Um jovem migrante, que se afogou em uma tentativa malsucedida de navegar até a ilha grega de Cós, deitado na praia da cidade de Bodrum.

Fonte: <<http://www.reuters.com/article/us-europe-migrants-turkey-idUSKCN0R20IJ20150902>>.

Acesso em: 16 mai 2021.

Observando o reenquadramento operado na Figura 5, acho importante comentar como se instaura um confronto visível ao uso de “humanidade”

enquanto expressão-chave em destaque. Ela surgiu sinalizando a humanização de Aylan tanto por parte dos usuários do *Twitter* em turco (i.e. *insanlik*), quanto em inglês (i.e. *humanity*). Levando em conta o uso dessa expressão naquela rede social, percebo que surgem práticas de reação textual neste fragmento multimodal associado à matéria da *Reuters*.

Essas práticas percebidas apontam para uma configuração de disputa textual entre espaços de prática midiática (i.e. redes sociais e jornalismo profissional). Emerge, então, através da instauração performativa dessa disputa, um jogo de linguagem interventor e produtivo/performativo. Ele é operado pela mídia perita, quando ela se direciona ao corpo infantil, como o “Olho de Sauron”, e responde a uma dinâmica de transbordamento comunicacional associada a práticas translinguiais do *Twitter* (Figura 2: circuito B-C-D).

Assim, a *Reuters* intervém na comunicação dos significados direcionados por *#Insanlik* e *#Humanity* (i.e. humanidade), que constam das próprias expressões meméticas citadas no fragmento da matéria, mas que, no seu interior, não são corroboradas pela mídia profissional por aquela via da humanização. Muito pelo contrário: no trecho em questão, vejo um reenquadramento perito interventor e injurioso. Ele surge atuando em três frentes : 1) hierarquiza Aylan como “migrante”; 2) deslegitima uma atividade associada ao menino, tornando-a condenável do ponto de vista moralizante (i.e. equipara ‘procurar refúgio’ com ‘ação de mobilidade voluntária’ – migração, já que o menino é reenquadrado como “migrante”); e 3) suspende, performativamente, a relação entre a existência de um espaço social (i.e. destino de refúgio) e a possibilidade da presença de certas vidas nele – o que seria permitido com menos dificuldade àqueles que são (re)enquadrados e reconhecidos como refugiados.

Entendo que esse direcionamento de leitura do processo reenquadramento perito se torna mais afunilado (e interventor), quando, no trecho seguinte, a matéria volta a hierarquizar o corpo infantil diante de possíveis visualizadores familiarizados com o inglês, já afirmando a “*suposta*” condição de refugiado do participante reenquadrado:

Uma imagem de uma criança, carregada pelas águas até a praia de um dos *resorts* turísticos mais importantes da Turquia, varreu as redes sociais na quarta-feira, depois que, pelo menos, 12 *supostos refugiados* sírios morreram tentando chegar à ilha grega de Cós.¹¹

Fonte: <<http://www.reuters.com/article/us-europe-migrants-turkey-idUSKCN0R20IJ20150902>>. Acesso em: 16 mai 2021. (Itálicos meus)

¹¹No original: “An image of a drowned toddler washed up on the beach in one of Turkey’s prime tourist resorts swept across social media on Wednesday after at least 12 *presumed* Syrian *refugees* died trying to reach the Greek island of Kos.” (Itálicos meus)

A repetição desse processo acaba, assim, hierarquizando Aylan, primeiro como “migrante”; e, depois, como incluído em um grupo de “supostos” refugiados. Discursivamente, esse processo de hierarquização pode transferir Aylan de sua condição de fugitivo de guerra, isto é, refugiado (com quase nenhuma opção) para outra mais passível de gerar menos empatia (i.e. migrante, viajante voluntário). Esse reenquadramento hierarquizante materializa o processo de perda de contexto associado à violência textual que desumaniza o corpo infantil. Ele intervém diretamente no(s) significado(s) associado(s) a *#Insanlik* e *#Humanity* (i.e. humanidade) enquanto recursos semiótico-discursivos e coletivos-colaborativos que, nas redes sociais, emergiram operando, performativamente, a humanização do menino refugiado.

Ademais, um dos efeitos mais relevantes desse processo de reenquadramento e intervenção perita, que pode interferir na expansão e consolidação da comunicação translingual dos sentidos associados a *#Insanlik* e *#Humanity* (i.e. humanidade), é aquele que promove a desumanização verbo-visual de Aylan, dificultando seu reconhecimento como membro da humanidade sob a ótica dos direitos humanos. Do ponto de vista do papel e do trabalho com a linguagem, acrescento, ainda, que parece ser necessário refletir eticamente sobre os campos de significação e seus potenciais de atuação sociopolítica (neste texto, materializados através de *#Insanlik* e *#Humanity*), quando eles envolvem pessoas vulnerabilizadas ou vitimadas em contextos de conflito. Ao refletir criticamente sobre o conjunto de *posts* explorados, eles me mostram que, nesses contextos, é preciso considerar “o complexo de problemas em torno do traduzir e das traduções”(Holmes, 1988, p. 67).

Diante disso, coloco, por fim, uma reflexão mais específica, destacando que é necessário ter mais sensibilidade e cuidado com a tessitura verbo-visual, ao desenvolver (re)enquadramentos e os diversos tipos de ‘traduções’ para os leitores em potencial. Isso se justifica, porque tal tessitura e os artefatos textuais gerados (como as matérias jornalísticas) também ‘respondem’, refletindo e ‘traduzindo’ muito da visão de quem os produz(iu).

Esse aspecto se torna relevante, quando consideramos que, do ponto de vista da noção de ‘social’ proposta por Bruno Latour e seu entrelaçamento com o campo da tradução (Araújo e Martins, 2018), atores humanos e não-humanos (ou jornalistas e seus textos/enquadramentos) podem ser vistos como operadores que coexistem e se inter-relacionam não como entidades ou participantes estanques ou hierarquizados - onde o artefato seria passivo a seu produtor (Latour,[2005] 2012, p. 145). Pelo contrário, com base na perspectiva latourina, esses participantes podem ser entendidos como interactantes que se constituem de maneira horizontal, movimentando uma rede que inter-relaciona saberes-poderes (incluindo a tradução), eventos sociodiscursivos, sentidos e posicionamentos através da particip(ação) indispensável de artefatos textuais.

Ao circularem, esses artefatos podem contribuir para ratificar posicionamentos ético-normativos (como aqueles relacionados à discussão da Figura 5), ou, pelo contrário, expor controvérsias vindas daí, que afetam bloqueios comunicacionais e podem levar outros atores ou instituições a reverem tais posicionamentos, tornando-os mais ético-reflexivos. Foi o que parece ter ocorrido com a *Reuters*, como nos comunica a próxima Figura:

Figura 6: Tradução, práticas translinguais e o agir digital/multimodal provocando reorientações de enquadramento diante da morte de Aylan por parte da *Reuters*.



Fonte:<

<https://twitter.com/AliaKAtreides/status/639450282217316352> >.

Acesso em: 16 mai 2021.

Visualizando a Figura 6, que nos remete ao circuito C-D-E da Figura 2, observamos parte do processo de transmediatização da Guerra na Síria e os transbordamentos comunicacionais operados através de catalisadores, tais como a tradução, as práticas translinguais e o agir digital/multimodal. Eles emergem, literalmente, 'redesenhando' a morte de Aylan; e desenvolve, assim, uma rede de (re)significações com potencial para expor, ampliar e/ou contestar as repercussões das situações contemporâneas de crise ou conflito. Esse processo emergente torna visível uma configuração que está associada a disputas textuais entre dimensões de saber-poder: a ordem do discurso transmidiática.

Dela, surgem eventos digitais e sociais complexos, bem como seus efeitos transdimensionais. Como mostrou a Figura 6, tais eventos e efeitos podem fazer com que conflitos que aparentemente afetariam somente o Outro nos levem a tomar a decisão de nos posicionarmos enquanto sujeitos (que, de alguma forma, são ou podem vir a ser) afetados por aqueles conflitos também. Assim, essa ordem parece nos dizer que se envolver/ser envolvido em conflitos, atualmente, se impõe como uma forma de vida/ uma prática social.

Mais algumas poucas associações

Neste artigo, empreendi uma breve proposta de discussão, de modo a (re)pensar e projetar inter-relações entre conceitos e processos como *tradução, enquadramento, comunicação, práticas translinguais, transmediatização e disputas textuais*. A proposta e sua orientação de explorar tais inter-relações foi guiada pela abordagem *oligóptica* (Latour, [2005] 2012). Com base nisso, apresentei uma série de dinâmicas e as discuti, mostrando como elas se (des)associam, e apontam para traços de comunicação em mais de um espaço midiático (i.e. jornalismo profissional e redes sociais), gerando redes de (re)significação, e, como efeito, a transmediatização da Guerra na Síria.

No percurso de exploração interdisciplinar desses processos de (des)associação e (re)significação, trabalhei junto aos direcionamentos da Linguística Aplicada *INdisciplinar* (Moita Lopes, 2006), destacando a centralidade da linguagem e o papel relevante que ela apareceu desempenhando no contexto de conflito discutido. Isso me levou a tomar como foco de problematização, mais especificamente, o papel da tradução, bem como o das práticas multissemióticas e translinguais em torno de *#Insanlik* e *#Humanity* (i.e. humanidade), destacando seu potencial multicomunicacional, catalisado pelo inglês, nesse contexto.

Com essa forma de problematização, foi possível discutir qualitativamente um conjunto de postagens e relações de (des)associação relevantes. Os *posts* mostraram como surge um complexo jogo de linguagem produtivo/performativo (Wittgenstein, [1953]1999) do trabalho semiótico (Kress, 2015). Ele (des)associa espaços midiáticos, essas expressões e o corpo infantil

(re)enquadrado na imagem, (des)estabilizando a comunicação da Guerra na Síria no período que coloquei em destaque.

Em última instância, esse tipo de problematização também me permitiu colocar no horizonte questões éticas relacionadas ao processo de (des)estabilização da comunicação que mencionei. Foi possível, nessa direção, reinterpretar criticamente a tradução enquanto recurso e parte integrante da cultura de textualização do domínio do jornalismo (Gambier, 2006), mostrando que 'tradução' (em sentido mais amplo) não deixa de guardar relação com as questões de natureza ética mencionadas.

Referências

ARAÚJO, L. B. A. F.; MARTINS, M. A. P. 2018. Um olhar sociológico sobre a tradução. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, volume 20(34):2-11.

BAYNHAM, M. 1995. *Literacy practices: Investigating literacy in social contexts*. London: Longman.

BLOMMAERT, J. 2018. Formatting online actions:#justsaying on Twitter. *Tilburg Papers in Culture Studies*. Paper 209.

BUTLER, J. 2010. *Frames of war: when is life grievable?* New York: Verso.

EL COMÉRCIO. Apenas vi Aylan Kurdi me helo sangre. Fonte:<
<https://elcomercio.pe/mundo/actualidad/apenas-vi-aylan-kurdi-me-helo-sangre-197543>>. Acesso em: 16 mai 2021.

FABRÍCIO, B. F. 2016. Mobility and discourse circulation in the contemporary world: the turn of the referential screw. *Revista da Anpoll (online)*, volume 1:129-140.

FOUCAULT, M. [1977-1978]. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. [1970]. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1990.

GAMBIER, Y. 2006. Transformations in international news. *Translation in Global News* (23), June, 9:21.

HARDT, M.; NEGRI, A. [2004]. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HOLMES, J. 1988. The Name and the Nature of Translation Studies. In: _____. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Introduction by Raymond van den Broek. Amsterdam: Rodopi: 66-80.

HUMAN RIGHTS WATCH. Relatório Mundial 2014. Fonte:<
<https://www.hrw.org/pt/world-report/2014/country-chapters/260177>>. Acesso em: 16 mai 2021.

KRESS, G. 2015. Semiotic work: Applied Linguistics and a social semiotic account of Multimodality. *AILA Review* 28: 49–71.

LATOURE, B. [2005]. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-rede*. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). 2006. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola.

PENNYCOOK, A. 2009. Translingual English. *Australian Review of Applied Linguistics (ARAL)*, 31(3): 301-309.

PENNYCOOK, A. 2007. *Global Englishes and transcultural flows*. London, New York: Routledge.

RUYS, T. 2014. Of Arms, Funding and “Non-lethal Assistance”—Issues Surrounding Third-State Intervention in the Syrian Civil War, *Chinese Journal of International Law*, volume 13(1):13–53.

SILVA, G; LIMA SOARES, R. 2013. O jornalismo como tradução: fabulação narrativa e imaginário social. *Galaxia* (São Paulo, Online), 26/ dez: 110-121.

SOUZA JÚNIOR, J. de. Transmediatization of the Covid-19 crisis in Brazil: Communication across media spaces and the emergence of (bio-/geo-)political repertoires of (re-)interpretation. No prelo.

SOUZA JÚNIOR, J de. 2020. #Humanity_Washed_Ashore – transmediatização da Guerra na Síria: (re)enquadramentos, disputas textuais *online* e des(h)umanização. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. [Versão revisada] Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jaime_De_Souza_Junior. Acessado em: 16 mai 2021.

SOUZA JÚNIOR, J. de. 2015. #InBrazilian Portuguese, Memes and Phenomena: Linguistics and its Suggestions to Explore Digital Event Propagation. *Palimpsesto* (Rio de Janeiro, online), volume 21:314-328.

WITTGENSTEIN, L. [1953]. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.